

O GOVERNO E A CAPTURA DO ESTADO

Por Carlos Costa

Quadros técnicos do Estado, os funcionários de carreira têm visão em profundidade da atividade exercida, conhecendo a fundo os mecanismos da máquina estatal e da área específica de sua atuação. Ficou famosa, no cenário mundial, a ENA, a Escola Nacional de Administração francesa, criada em 1945 pelo general De Gaulle com o objetivo de formar gestores capacitados para reconstruir o país após o período sob desmantelamento durante a ocupação alemã. Esses funcionários não estão a serviço do governo de plantão, mas são elemento fundamental no funcionamento da máquina pública. São quadros de carreira os diplomatas do Itamaraty, os executivos de autarquias dos ministérios, como o Banco Central, todos admitidos no serviço público por meio de concurso, passando por cursos e treinamentos ao longo de sua trajetória. Assim, o funcionário de um ministério, quando entra o chefe nomeado por acordos políticos, sabe como é o andar da carruagem, presta importante suporte ao “passageiro nomeado”, que logo mais será substituído por outro, e a vida continua nos trilhos.

Recentemente assistimos à crise gerada pela suposta ingerência de uma ministra na rotina da Receita Federal, pedindo aceleração nas investigações que envolvem o filho de um mandatário do Senado. A crise teve como desdobramento o pedido de exoneração de duas dezenas de técnicos da Receita, numa manifestação clara contra a interferência política em um órgão que, por natureza, deve ser técnico.

Essa invasão de espaços demonstra falta de espírito republicano por parte dos dirigentes no poder, e não deixa de ser consequência da visão um tanto messiânica do grupo atualmente no governo: eles sabem o que é bom para o país, e por isso estariam isentos de seguir a ética e procedimentos convencionais. O já quase esquecido episódio do mensalão deixou essa ideologia suficientemente exposta. Afinal, para conseguir os fins (sobre os quais eles possuem a necessária clarividência), tudo o mais é perfumaria.

A saudável prática da consulta à sociedade, algo que autarquias como a CVM fazem com regularidade (e, segundo depoimento da presidente dessa autarquia, na conversa mantida com *Getúlio* para esta edição, sempre com boas

contribuições e sugestões), fica fora do horizonte de trabalho de quem é dotado de visão messiânica.

A Petrobras, empresa estatal brasileira, de economia mista, veio tirar do noticiário esse episódio recente da Receita Federal, criando outra atração para a mídia, justamente outro resultado de clarividência. No caso, sem consulta prévia ao mercado ou sondagens junto à sociedade, o governo lançou quatro projetos, enviados para o Congresso, destinados a tratar do que se convencionou chamar de pré-sal. No conjunto, a proposta busca mudar o sistema de exploração para o regime de partilha; criar uma nova estatal, a Petro-Sal, para administrar as reservas; formar um fundo para onde serão destinados os recursos; e capitalizar a Petrobras. Mas deixemos de lado essa discussão, ainda no calor da mídia, para uma consideração sobre a atividade não-fim da estatal de petróleo, que são os patrocínios. Um levantamento realizado pelo jornal *Folha de S.Paulo* mostra que, entre 2000 e 2009, a Petrobras ampliou em pelo menos dez vezes o número e o valor dos patrocínios para projetos de sindicatos e centrais que representam trabalhadores. O maior crescimento coincidiu com a entrada do novo governo: de 2002 a 2003, “os valores dos patrocínios aumentaram mais de dez vezes: pularam de R\$ 178 mil para R\$ 2,4 milhões segundo planilha enviada pela Petrobras à CPI do Senado”, afirma o jornal. Quem tomou essa decisão tem o dom da clarividência, sem dúvida.

Fora da área sindical, provoca ao menos estranheza que o filme argentino de Hector Babenco, *O Passado* (que para justificar o patrocínio da estatal tem uma cena rodada em São Paulo), tenha ganho aporte da Petrobras. Digo filme argentino, pois não se pode considerar a película uma produção brasileira (falado em espanhol, tem como cenário o país vizinho e o protagonista é um ator mexicano na moda). Até o belo – infelizmente visto por quase ninguém – *Brincando nos Campos do Senhor*, produção americana de 1991 dirigida por Babenco, poderia ser considerado mais brasileiro, pela temática e pelo cenário. O que motivou o patrocínio da estatal petroleira?

Ao contrário da captura que ocorre na Petrobras, os funcionários da Receita (mesmo tendo progredido na carreira por critérios políticos) deram o recado. Resta ver o que a sociedade, nunca consultada, manifestará nas próximas eleições.